

SEXUALIDADE FEMININA, ENVELHECIMENTO E EDUCAÇÃO: ALGUMAS APROXIMAÇÕES NECESSÁRIAS

Rosa Cristina Cavalcanti de Albuquerque Pires¹

Resumo: O presente artigo tem como ponto de partida a reflexão sobre a sexualidade feminina na velhice, haja vista que a velhice, em especial, a feminina sofre duplo preconceito, por ser “mulher” e por ser “velha, uma fase carregada de inúmeros estereótipos, tanto do senso comum, quanto os de cunho científico. Um dos estereótipos mais conhecidos na sociedade ocidental é o fato da mulher velha ser percebida pelos mais jovens como uma figura assexuada, andrógina, despojada de sensualidade, de produtividade e com poucas chances de se realizar. A dificuldade de aceitação da sexualidade em mulheres com idade igual ou superior a sessenta anos está relacionada a aspectos sociais e culturais. Procuro aqui, levantar questões de maneira que venham contribuir à uma discussão mais ampla acerca da sexualidade feminina na velhice, pois corremos o risco de reproduzir e perenizar um preconceito existente na sociedade atual que já não se sustenta mais.

Palavras-chave: Sexualidade. Mulher. Velhice. Educação.

FEMININE SEXUALITY, OLDNESS AND EDUCATION: SOME NECESSARY APPROACHES

Abstract: The present article has as starting point the reflection about the oldness, feminine sexuality having in view oldness in special the feminine one suffers double prejudice, because she is a “woman” and because is “old”, a time full of many stereotypes, as much common sense as scientific knowledge. One of the most known stereotypes on the western society is the fact that an old woman is noticed by the young people as an assexual, an androgine, striped of sensuality, of productivity and with few changes to come true. The difficulty of the sexuality acceptance in women with equal or superior age to sixty years old is related to social and culture aspects. I try to find out raising questions in a way the can contribute to a discussion more broad about the oldness feminine sexuality, because we can run risk to reproduce and perennialize an existing prejudice on the current society that is not help anymore.

Key words: Sexuality. Woman. Oldness. Education.

A pesquisa teve como objetivo estudar a sexualidade de mulheres com idade igual ou acima de 60 anos; levantar indicadores do processo de educação sexual vivido por mulheres que se encontram nessa etapa de vida e entender o significado de ser mulher na velhice. O trabalho de campo ocorreu junto a um grupo de seis mulheres, pertencentes a diferentes camadas sociais, com idade de 63 a 70 anos. Utilizou-se para a coleta de dados a entrevista semi-estruturada e para a análise de dados, a técnica conhecida por Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (1977).

Sabe-se que a velhice é uma das mais difíceis etapas do ciclo de vida hoje, pois a perda de status dos idosos em sociedade preconceituosa está diretamente relacionada com o desenvolvimento e as características do modo de produção capitalista de priorizar a produção como o grande, senão o maior, valor humano. Além disso, o envelhecimento é geralmente visto como um

¹ Mestre em Educação e Cultura (UDESC) e professora da Rede Pública de Florianópolis / SC.

processo gradual, causador de alterações no funcionamento do organismo, tornando o indivíduo cada vez menos capaz de se adaptar ao meio ambiente e, portanto, mais vulnerável às doenças. A maioria das pessoas tem uma imagem pré-formada a respeito daquilo que deve ser a velhice, pois é uma fase carregada de estereótipos, tanto do senso comum, quanto os de cunho científico. Um dos estereótipos mais conhecido é o da mulher velha ser percebida pelos os mais jovens como uma “figura” **assexuada**, despojada de sensualidade e “utilidade”, com poucas chances de se realizar e de ser feliz, visto que em nossa sociedade ocidental a dificuldade de aceitação da sexualidade nas mulheres idosas está relacionada a aspectos sociais e culturais. Infelizmente, a maioria das definições hoje ainda tenta classificar a velhice, em especial a feminina, como sendo sinônimo de decadência biológica, fragilidade, assexualidade e androginia² levando em consideração apenas a idade cronológica, que concebe o curso da vida como uma seqüência unilinear de etapas evolutivas, rumo à decadência, pelos quais todos os indivíduos passam.

E acima de tudo, nossa sociedade espera que a mulher velha seja incapaz, indefesa, e às vezes, inferior, desempenhando o papel de velha assexuada e assumindo forçosamente o estigma. O preconceito social hoje parece permitir apenas aos mais jovens desfrutar os prazeres da sexualidade, enquanto às velhas e aos velhos, resta-lhes acreditar que não podem ou não devem ter uma vida sexual, posto que todas manifestações afetuosas delas e deles com o sexo oposto são vistas como algo sujo e proibido, ou ainda, associado ao ridículo e à sem-vergonhice, especialmente quando se trata da mulher velha. É muito mais simples aceitar a imagem da avozinha tricoteira que vive cuidando dos netos, enquanto o avô joga um baralho na praça com amigos, na perspectiva de que essa deve ser a expressão máxima de seus cotidianos, já que estes sujeitos não têm vida sexual própria, afinal de contas, “eles são nossos pais e avós, não só adultos comuns com as mesmas necessidades e desejo que nós” (BUTLER; LEWIS, 1985, p. 12).

Entretanto, sabemos que o tempo não dessexualiza a pessoa com mais idade, pois a sexualidade está presente em todas as fases da vida, e como bem aborda Lopes e Maia (1994), a sexualidade não começa com a puberdade e não finda com a andropausa/menopausa, pois ela não tem início ou fim. A sexualidade está presente no indivíduo desde o nascimento até a morte, percorrendo um caminho que *faz* e se *refaz*, um caminho instável, não encontrando nem na infância, nem na adolescência e nem na velhice um ponto final, porque a sexualidade sendo uma dimensão humana está em constante processo de transformação, assim como as pessoas, pois é parte indissociável delas.

² Debert (1999, p. 8) pontua que, para alguns, autores a androginia caracterizaria as etapas mais avançadas da vida, em que valores e atitudes considerados tipicamente masculinos ou femininos tenderiam a se misturar na velhice, ou ainda, o envelhecimento envolveria uma masculinização das mulheres e uma feminilização dos homens de forma que as diferenças se dissolveriam na normalidade unisex da idade avançada.

Ao vasculhar a literatura sobre a sexualidade das velhas e velhos, pude constatar em muitos trabalhos (BUTLER; LEWIS, 1985; FRAIMAN, 1998) que a maioria das mulheres com mais de sessenta anos relatavam em seus depoimentos que a repressão sexual se acentuava com o envelhecimento, como também atribuíram à menopausa e ou à idade avançada uma castração social.

Diversos fatores foram apontados na literatura que justificam o ‘naufrágio’ do desejo sexual na velhice. Dentre estes fatores, estão as mulheres que desde cedo, em função da deseducação ou em decorrência de seus condicionamentos sociais, nunca tiveram muito interesse por sexo. Para outras mulheres, até então, o sexo já vinha sendo vivido como uma grande fonte de conflito e sentem-se ‘aliviadas’ e ‘gratificadas’ por terem uma velhice sem sexo, isso de forma socialmente aprovada. Outras, por vez, ao chegarem à terceira idade, cansaram-se dos padrões rotineiros. A repetição das mesmas atitudes sexuais causa tédio sexual. Há também a fadiga emocional, aquela devido aos problemas conjugais, em que sentimentos de desapontamentos, tristeza, medo, rejeição perturbam o funcionamento sexual, tudo isso servindo de motivo para um desistir da vida sexual.

Outro mito ligado à assexualidade da velha é o de acreditar que elas costumam rejeitar as atividades sexuais pelo fato de ao longo de suas vidas não terem sido estimuladas de forma satisfatória por seus companheiros, tendo praticado sexo de forma mecânica e não prazerosa, não atingindo muitas vezes o orgasmo.

Portanto, parece fato consumado existir no imaginário da maioria das pessoas que o desejo sexual tende a diminuir com a idade, começando esse declínio por volta dos quarenta anos, continuando a cair vertiginosamente até alcançar o ‘fundo do poço’, lá pela casa dos sessenta anos. Esse olhar é fruto de uma cultura que percebe a velhice como um momento de androginia e/ou assexualidade, tanto para velhas como para velhos, uma vez que, um dos estereótipos mais freqüentes principalmente na velhice feminina, comenta Motta (1998, p. 25), é que “a mulher, ao entrar na velhice deixa de ser uma mulher para ser velha (termo neutro)”. Se você está envelhecendo, é o fim da linha de sua sexualidade. É pouco comum em nossa cultura imaginar que “por baixo de uma combinação, um sapato anabela com furinho no dedo, meias grossas e xale, suspensórios, lenços e cuecas samba-canção existem corpos *calientes*, cheios de desejos e de vida” (FRAIMAN, 1994, p. 185).

Analisando via minha pesquisa (PIRES, 2003) a questão da assexualidade feminina na velhice, percebo que o nosso olhar ocidental confere a essas mulheres uma vida voltada quase que exclusivamente ao âmbito da família, das atividades domésticas, religiosas e/ou filantrópicas. Atribui-se, assim, a essas mulheres “velhas” uma imagem de velhinhas encantadoras, de cabelinhos brancos, muito religiosas e comportadas, respeitáveis e piedosas, dedicadas aos netos e à esfera

privada, voltadas única e exclusivamente para o âmbito doméstico. A mulher velha que foge a essas regras é considerada, muitas vezes, pela nossa sociedade preconceituosa como velha ‘assanhada’ e ‘sapecá’, outras vezes é uma velha ‘gagá’. Somos tão negativos em relação ao sexo após a idade avançada que acreditamos que o que seria sensualidade para uma jovem, pode ser libertinagem para uma velha. Butler (1985, p. 13) refere-se a essa questão com uma clareza impar:

uma senhora de idade que mostre um interesse evidente, e talvez até mesmo vigoroso, com relação ao sexo, é freqüentemente considerada como alguém que sofre de problemas ‘emocionais’; e se ela evidentemente mostrar que está de posse de suas faculdades mentais e ativa sexualmente, corre o risco de ser chamada de ‘depravada’ ou, de maneira mais delicada, ouvir que está assegurando pateticamente sua juventude perdida.

O sexo e a sexualidade, para as velhas e velhos, pode ser uma experiência prazerosa, gratificante e reconfortante, que realça os anos vindouros, mas também é de uma enorme complexidade psicológica, pois durante toda nossa vida, carregamos o peso das nossas experiências sexuais infantis e que foram moldadas por nós mesmos e principalmente por nossos pais, nossa família, por nossos professoras/es e por nossa sociedade, de maneira positiva ou, muitas vezes, de maneira negativa. A vivência da sexualidade é marcada por registros inconscientes e conscientes desde os primeiros contatos da vida sexual de uma pessoa.

Podemos dizer que as determinações do corpo e da sexualidade são passadas e repassadas socialmente através de um modelo de deseducação sexual que visa a enquadrar os indivíduos dentro de um certo padrão que se consolidou socialmente como sendo o normativo, repressivo e somatizado. O peso de cada cultura torna aceitável esta ou aquela expressão da sexualidade, esta ou aquela expressão de corporeidade.

Foucault (1999), ao produzir sua obra ‘História da Sexualidade’, salienta que a sexualidade é uma construção social, um invento da humanidade e também um dispositivo de saber-poder. O autor coloca que, “nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias” (*op. cit.*, p. 98).

Para muitos especialistas, a repressão sexual é um dado que se agrava com o envelhecimento. Paradoxalmente, as falas de minhas entrevistadas não confirmaram esse discurso de ‘naufrágio’ obrigatório do desejo sexual ou da obrigatoriedade de uma assexualidade na velhice. Azaléia, mulher de 64 anos de idade, viúva, deixa transbordar em uma de suas falas que o avançar da idade não o dessexualiza a pessoa: “Essa semana sonhei duas vezes, era um sonho erótico eu tive me virar. É claro, me masturbei, eu não sou de ferro! Comentei com uma amiga e ela disse: Está com falta, heim?”

Entre tantos depoimentos deparei-me com mulheres transbordando de energia e vigor em seus corpos, longe dos estereótipos descritos como velhas ‘rabugentas’ ou de velhas ‘megeras’ assexuadas. (PIRES, 2003)

Embora essas mulheres tenham vivido sua juventude num momento histórico de forte repressão sexual, em que tentaram ocultar a própria sexualidade, tudo isto aliado hoje aos tabus e preconceitos que vigoram em nossa sociedade frente à sexualidade da velhice feminina, etapa em que se encontram as participantes da pesquisa, elas revelaram perceber intensamente que nossa sociedade as vê como velhas, sinônimo de improdutividade, decadência, androgenia e assexualidade. Entretanto, negam-se a assumir o tão esperado papel de velhas assexuadas.

Como podemos perceber, existem muitas falácias em relação ao fim do desejo sexual de um homem e uma mulher que envelhecem. Na verdade, a questão do fim desejo sexual está mais relacionada com os aspectos culturais do que o biológico. Contudo, não podemos deixar de registrar as mudanças sexuais que ocorrem na mulher com o passar da idade, devido à diminuição dos hormônios femininos após a menopausa. O que ocorre é apenas uma mudança, que pode ser trabalhada pela mulher em todos os níveis de sua vida, não significando o fim de sua sexualidade.

Cabe ressaltar que minha pesquisa apontou para o fato de que, quando falamos sobre sexualidade, seja ela na velhice, ou em qualquer estágio de vida de uma pessoa, devemos evitar generalizações. Temos que relativizar as questões e os discursos acerca desse tema, pois mesmo que essas mulheres tenham vivido em momentos de grande repressão, em que foram deseducadas sexualmente, ou não tenham sido ‘suficientemente’ estimuladas de forma satisfatória por seu(s) companheiro(s), ou também praticado sexo de forma mecânica e não prazerosa, ou ainda por fatores culturais e biológicos, a idade cronológica não deve ser e não é, muitas vezes, um fator limite à vida sexual, pois sabemos que a sexualidade de cada um é exclusiva e cada um pode amadurecer seu próprio erotismo em cada etapa de sua vida. (PIRES, 2003)

Acredito que, para algumas pessoas de mais idade, viver uma vida sem sexo, se for esta sua escolha, pode ser uma experiência satisfatória sem que isso venha ser sinônimo de assexualidade ou desajuste, já que a sexualidade transcende o biológico, é a parte integral da vida de uma pessoa, e está estritamente relacionada com o desenvolvimento da personalidade, com as relações interpessoais e com a estrutura social. (PIRES, 2003) Além disso, a sexualidade “é algo que transpira dos gestos, da conduta e da aparência de uma pessoa – de uma forma construída culturalmente e segundo a qual as pessoas ‘dizem’ que pertencem a um ‘sexo’ e não a outro” (MOTTA, 1998, p. 26).

A mulher idosa tem um universo de experiências que não se traduz apenas a uma operação física estreitamente ligada ao uso dos órgãos reprodutivos e não necessariamente envolvidos em uma relação de sexo, pois:

a sexualidade não se confunde com instinto, nem com um objeto (parceiro), nem comum objetivo (união dos órgãos genitais no coito). Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo. Não se reduz aos órgãos genitais (ainda que estes passam a ser privilegiado na sexualidade adulta) porque qualquer região do corpo é suscetível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém, e porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital. (CHAUÍ, 1991, p. 18)

Além disso, cada mulher velha, por ser uma pessoa singular, única, vai vivenciar diferentemente sua sexualidade, assim como qualquer ser humano, em qualquer fase da vida. O sexo pode oferecer uma oportunidade não apenas de expressar paixão, mas também afeto, estima e companheirismo. Fornece provas afirmativas de que se pode contar com o corpo e seu funcionamento, podendo permitir que também as pessoas de mais idade se afirmem positivamente, podendo trazer sempre a possibilidade de emoção e alegria de estar vivo. (PIRES, 2003)

Nesse sentido, as mulheres velhas que gostam de uma vida sexual ativa devem ser encorajadas e apoiadas, devem receber informações necessárias e um tratamento adequado caso possa surgir algum problema, pois certamente “cada um de nós tem o direito de viver a vida que se considera mais satisfatória”, incluindo aí os direitos sexuais como direitos humanos também para as mulheres consideradas pela nossa sociedade: velhas (BUTLER E LEWIS, 1985, p. 17).

Como corpo sexuado no mundo, junto com outros seres, essas mulheres estão constantemente ressignificando valores e redescobrimdo que ser velha é, antes de tudo, ser mulher com um universo de experiências, que não se traduz apenas no biológico ou no estético, pois seu corpo está atado ao mundo, seu universo é polimorfo, é complexo, é rico, é humano. (PIRES, 2003)

Procurei aqui, levantar questões de maneira que venham contribuir a uma discussão que provoque um debate cada vez mais amplo acerca da sexualidade feminina na velhice, pois o tema não pode ser ignorado e deve estar presente nas discussões de Educação, pois corremos o risco de reproduzir e perenizar um preconceito existente na sociedade atual que já não se sustenta mais.

REFERÊNCIAS:

BUTLER, Robert, LEWIS, Myrna I. *Sexo e amor na terceira idade*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FRAIMAN, Ana P. *Sexo e afeto na terceira idade: aquilo que você quer saber e não teve com quem conversar*. São Paulo: Gente, 1994.

_____. *Menopausa: conceitos e preconceitos*. Indianópolis: Hermes, 1998.

LOPES, Gerson; MAIA, Mônica. *Sexualidade e envelhecimento: envelhe...sendo com o sexo*. São Paulo: Saraiva, 1994.

MOTTA, Flávia de M. *Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

PIRES, Rosa C. Cavalcanti. *De um corpo que se finda a um corpo que se faz: um estudo sobre a sexualidade feminina na velhice*. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Universidade do Estado de Santa Catarina, 2003.

Rosa Cristina Cavalcanti de Albuquerque Pires
Rua: Jornalista Orion Augusto Platt, 247/402
Jardim Atlântico – Florianópolis/SC
CEP 88090-447
E-mail: rosacriss2@yahoo.com.br

Recebido: 29/04/2005

Aprovado: 19/07/2005